# Nova estrutura urbana tentará atenuar efeitos do crescimento

## Já que expansão é inevitável, saída é organizar o seu adensamento

**Norma Moura**

Na aridez do cerrado, Juscelino vislumbrou a nova capital como uma cidade que nascia da esperança de um Brasil desenvolvido, que deixasse de dar as costas para ele mesmo. A esperança de desenvolver o interior do país, fazendo surgir um novo conceito de cidade, cravada no coração do Brasil.

Ocupada por 150 mil pessoas em sua inauguração, na maioria funcionários públicos e trabalhadores que se apaixonaram pela obra que ajudaram a construir, Brasília cresceu. Concebida para abrigar 500 mil pessoas, cresceu tão rápido que hoje arca com o peso de quase 2 milhões e meio de habitantes, sem contar mais um milhão no Entorno. Espremidos entre o traçado de Niemeyer e as escalas de Lúcio Costa, os moradores de Brasília procuraram alternativas. Ocuparam os espaços vazios em volta do avião, na esperança de não perder o vôo do progresso.

### Sonho ameaçado

Hoje, 48 anos depois, Brasília apresenta problemas similares aos de qualquer cidade grande. Milhares de operários deixam as cidades-satélites, transformadas em cidades-dormitório, e sacolejam diariamente em ônibus lotados, enfrentam engarrafamentos, insegurança e vêem o verde sumindo sob grandes manchas cinzas nascidas da especulação imobiliária descompromissada com o maior patrimônio do brasiliense: a qualidade de vida.

Como conciliar crescimento e qualidade de vida? Esse é o maior desafio dessa cidade que cria uma verdadeira simbiose com seus moradores.

Apesar da diminuição do grande fluxo migratório verificado das décadas de 70 e 80, Brasília cresce por si só. E cresce muito. Segundo o secretário de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Cássio Taniguchi, entre 1995 e 2000 chegaram a Brasília cerca de 230 mil pessoas. No mesmo período, outras 180 mil deixaram a cidade, dirigindo-se para municípios próximos. Nada demais, não fossem os 220 mil *candanguinhos* nascidos nesse intervalo. Ou seja, em apenas cinco anos, um saldo de 270 mil novos habitantes.

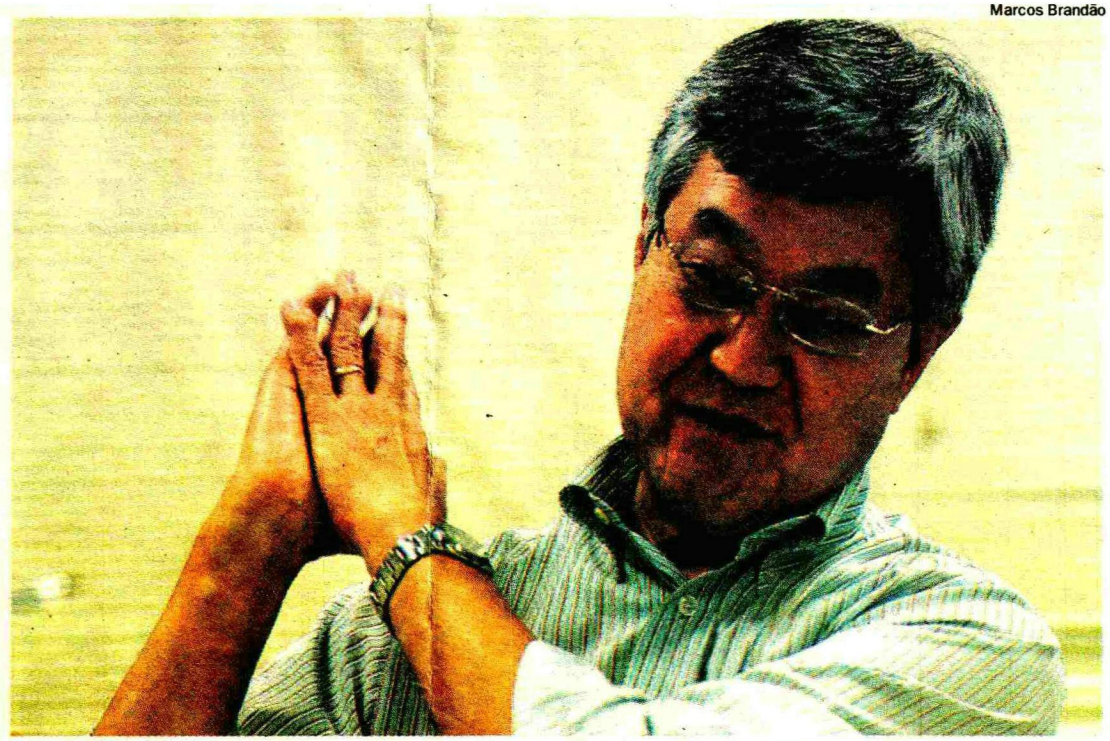
Esse contingente demanda educação, saúde, lazer e moradia dignos. Tudo isso em uma cidade que, em nome do ar puro e da beleza de seu céu, optou por não ter indústrias poluentes, mas onde as indústrias limpas ainda são incipientes.

### Crescimento inevitável

Responsável por conduzir a política de desenvolvimento urbano no Distrito Federal respeitando o meio ambiente, Taniguchi é categórico quanto ao futuro de Brasília.

- Não tenho a menor dúvida de que a cidade vai continuar crescendo. Por isso precisamos direcionar seu crescimento, em vez de deixá-la crescer espontaneamente - defende. - Esse inchaço populacional aconteceu por absoluta falta de ação do Poder Público, que não saiu na frente direcionando o crescimento - constata o secretário.

Marcos Brandão



**TANIGUCHI** – Inchaço populacional, acusa secretário, aconteceu por absoluta falta de ação do Poder Público

> "Brasília está se tornando uma cidade como outra qualquer. A escala bucólica está tomada por condomínios, destruindo o verde
>
> Ernesto Silva
> pioneiro

Um dos mais importantes pioneiros da nova capital, o pediatra Ernesto Silva, aos 93 anos, tem Brasília como uma filha. Ele participou da missão responsável pela localização do Distrito Federal, nos anos 50. Dirigiu a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), e abriu o concurso que escolheu Oscar Niemeyer como seu arquiteto. Radicalmente contra qualquer mudança na cidade que ele ajudou a nascer, Ernesto lamenta a degradação do plano urbanístico de Lúcio Costa.

- Brasília está se tornando uma cidade como outra qualquer. A escala bucólica de Lúcio Costa está tomada por condomínios, academias, destruindo a parte verde. Estão acabando com Brasília - protesta o pioneiro.

### Verticalização

Em rumo oposto ao dos preservacionistas, que são contra o adensamento populacional previsto pelo novo Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT), alvo de muita polêmica e discussão na Câmara Legislativa, Taniguchi defende o crescimento de Brasília dentro de princípios de urbanismo diferentes daqueles que orientaram Lúcio Costa.

- Acho que podemos crescer de maneira adequada, porém não mais na concepção do Lúcio Costa - sentencia - O conceito de cidade-parque foi uma tendência mundial do urbanismo daquele tempo. Passados 50 anos, acho tudo isso fundamental como testemunho de uma época.

Segundo o secretário, a cidade, pensada basicamente em torno das pessoas, ignorou o espraiamento para as cidades-satélites, o que teria gerado um enorme conflito caso não acontecesse.

- Ao longo desses anos todos, as populações de baixa renda acabaram expulsas do Plano Piloto, mas quase 80% dos empregos estão no próprio Plano Piloto - calcula - Esse deslocamento pendular, feito pela manhã e à noite, por exemplo, é o que cria os grandes engarrafamentos - explica Taniguchi.

A solução seria então uma nova estruturação urbana, segundo o secretário. A estruturação pretendida para Brasília pelo governo não seria para ocupar o Plano Piloto, área tombada pela Unesco como patrimônio cultural da humanidade, mas para as cidades-satélites, onde se encontram hoje três quartos da população do DF.

O projeto trabalha com o conceito de interbairros. Uma grande linha urbana, formada por edifícios de apartamentos residenciais com mais do que os seis andares originais, ao longo de rotas de transporte coletivo, como o metrô e os ônibus seguindo em canaletas próprias.

Para Ernesto Silva, não é preciso criar nenhum projeto diferente. Bastaria cumprir o plano original.

- Não precisa vir ninguém de fora repensar Brasília. O plano inicial é como uma bíblia, para ser cumprido rigorosamente.

Segundo o pioneiro, é preciso preservar o que ainda não foi tocado.

- O importante é preservar o Plano Piloto. Para isso, é preciso levantar todos os decretos que ferem Brasília e revogá-los na Câmara Legislativa de uma só vez. Inclusive aqueles baixados pelo governador - sugere Silva - Aí começamos uma vida nova, impedindo que novas agressões voltem a ser cometidas.